

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O MERCADO DE TRABALHO

Curitiba – PR – Abril 2013

Neliva Terezinha Tessaro – Centro Universitário Internacional UNINTER –
neliva.t@grupouninter.com.br

Nelson Pereira Castanheira – Centro Universitário Internacional UNINTER –
nelson.c@grupouninter.com.br

Eduardo Marques Trindade – Universidade Federal da Integração Latino Americana
trindade@onda.com.br

Pesquisa e avaliação

Educação superior

Globalização da Educação e Aspectos Culturais Transfronteiros

Relatório de pesquisa

Investigação científica

RESUMO

A forma tradicional de transmissão do conhecimento nos bancos escolares vem passando por profundas alterações nos últimos anos. O incremento e a disseminação das TICs, a possibilidade de acesso à Internet a um número cada vez maior de pessoas e a rapidez de circulação das informações por diversos meios, são alguns fatores que podem ser citados como difusores de uma modalidade de transmissão do conhecimento que cresce de forma significativa: a EaD. O número de egressos das IESs que ofertam cursos a distância aumenta a cada ano e esses recém-formados se deparam com um mercado de trabalho cada vez mais necessitado de profissionais qualificados para atuarem no universo corporativo. Para que se possa pensar a EaD no contexto contemporâneo, em relação à ocupação de novos postos no mercado de trabalho pelos indivíduos que buscam formação e capacitação, há necessidade que se pense de maneira mais detalhada sobre o conceito de educação, tecnologia, ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: *Educação a Distância; mercado de trabalho; empregabilidade.*

1 INTRODUÇÃO

A forma tradicional de transmissão do conhecimento nos bancos escolares vem passando por profundas alterações nos últimos anos. A ideia de ser o professor o possuidor de todo o conhecimento a ser transmitido aos seus alunos está sendo substituída pela ideia de ser ele um facilitador do conhecimento, que, por sua vez, está em constante transformação, é repetidamente criado, recriado e modificado pela ação de cada agente pelo qual ele passa. Sendo assim, neste cenário, professor e aluno, cada um e todos ao mesmo tempo criam e modificam o conhecimento pelas constantes interações.

O incremento e a disseminação de novas tecnologias de informação e Comunicação (TICs), a possibilidade de acesso à Internet a um número cada vez maior de pessoas e a rapidez de circulação das informações por diversos meios, são alguns fatores que podem ser citados como difusores de uma modalidade de transmissão do conhecimento que cresce de forma significativa: a Educação a Distância (EaD).

Na educação a distância o aprendizado é pensado e estruturado para ocorrer normalmente em um local diferente da tradicional sala de aula, onde professor e aluno dividem o mesmo espaço físico. Existe a necessidade de técnicas especiais de criação do curso para a instrução e a interação entre os participantes se faz pela utilização de várias tecnologias. Também há necessidade de estruturas organizacionais e administrativas especiais (MOORE; KEARSLEY, 2007). Entretanto, percebe-se que a educação a distância, entendida como a transmissão de conhecimentos onde o professor e o aluno não se encontram no mesmo espaço físico, não é algo tão recente assim. Desde décadas passadas a distância física entre professor e aluno era vencida por correspondências, pelas transmissões via rádio e pela televisão. Mas essa modalidade de ensino cresceu de forma vertiginosa com o advento da Internet e as possibilidades criadas a partir do seu surgimento.

Alguns fatores responsáveis pelo seu crescimento estão atrelados às características específicas da EaD, como a inexistência dos limites físicos de uma sala de aula, que restringem o número de alunos e a possibilidade de um

único professor mediar o ensino e a aprendizagem para um público muito variável, de algumas dezenas a milhares de alunos, simultaneamente. Além disso, na EaD não existem os limites temporais das aulas ou seja, há possibilidade de cada aluno acessar os conteúdos conforme sua disponibilidade de tempo. Por todas essas razões, pode-se utilizar esta modalidade de ensino na educação formal, fornecida pelas escolas regularmente estruturadas e reconhecidas pelo Ministério de Educação (MEC), para a educação profissionalizante, voltada para o acesso ao mercado de trabalho, ou até em programas de treinamentos empresariais, fornecidos aos colaboradores ou ao grupo de colaboradores de uma determinada empresa.

2 A QUALIDADE DO ENSINO NA EaD

Uma forma de educação como a EaD representa uma mudança de paradigma bastante significativa em relação ao modelo anterior, o presencial.

Entretanto, hoje, a EaD padece do desafio de vencer uma certa estigmatização, como denominou Lessa:

Acredite-se ou não, houve um tempo em que ninguém imaginava que se pudesse educar sem um professor fisicamente presente junto ao aluno, de modo a transmitir-lhe seu saber e a corrigir os erros cometidos durante a aprendizagem. Na verdade, esta crença, ao ter sido mantida durante séculos, ditou raízes tão profundas que até hoje muitas pessoas, até nas universidades, acham que qualquer educação que não tenha um professor presente só pode ser uma educação de segunda classe (LESSA, 2011, apud BORDENAVE, 1995).

Entretanto, ao mesmo tempo em que se difundiu e se democratizou o acesso à educação, por meio da EaD, ainda persistem alguns questionamentos sobre a qualidade do ensino que é ofertado dentro dessa nova realidade, ou seja, aluno e professor física e temporalmente separados, havendo liberdade ao aluno para acessar os conteúdos no momento que melhor lhe convenha. Questiona-se a falta de preparo dos docentes para atuar especificamente nessa modalidade de ensino bem como a inadequação metodológica utilizada, problemas típicos apresentados por um quadro de docentes que vivem “o paradoxo de ensinar de uma maneira que não foram ensinados” (NETTO; GIRAFFA, 2012). Estas dúvidas, aos poucos, estão sendo deixadas para trás,

como está registrado no Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil de 2010, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2012). A EaD já foi considerada, no Brasil, uma educação de menor qualidade, destinada aos que, por questões socioeconômicas, não tinham acesso ao ensino formal. Assim, eram desenvolvidos cursos que ensinavam, entre outros assuntos, conteúdos de corte e costura, taquigrafia, montagem e conserto de rádios e televisores. Hoje, a situação encontra-se bem diferente. Há uma legislação que apoia a formação a distância e a certificação do aluno dos cursos de EaD autorizados passou a ter o mesmo valor que os cursos presenciais (ABED, Relatório Analítico 2010). Estes questionamentos que ainda persistem, acerca da qualidade de um curso ofertado nessa modalidade podem suscitar dúvidas sobre o profissional formado e que ingressa no mercado de trabalho. Afinal, o mercado espera um profissional cada vez mais qualificado, diante da alta competitividade entre as corporações. Estas dúvidas levaram ao tema a ser desenvolvido por este trabalho. A linha investigativa da pesquisa que culminou no presente artigo abrangeu uma faixa de público específica, os egressos de cursos superiores a distância ligados às áreas tecnológicas, com o intuito de descobrir se esses profissionais são requisitados e aceitos pelas empresas após a conclusão de um curso superior na modalidade a distância. E essa aceitação abrange duas vertentes: o profissional que efetivamente ingressa no mercado e aquele que já tinha sua colocação profissional. Essas duas vertentes levam a responder uma dupla problematização: o ensino oferecido por uma Instituição Superior de Ensino a Distância possibilita ao egresso da mesma a colocação no mercado de trabalho ou possibilita a ascensão profissional aos egressos que já estavam empregados?

3 O MERCADO DE TRABALHO E A EMPREGABILIDADE

A palavra “trabalho” origina-se da palavra latina *tripalium*, que servia para designar um “instrumento formado por três estacas para manter presos bois ou cavalos difíceis de ferrar, [...] pena ou servidão do homem à natureza” (CARMO, 1997). Historicamente, conforme apontam Arroio e Règnier (2001), a

relação entre o trabalhador e as organizações assume cada vez maior importância a partir da Revolução Industrial, período em que se delineia o que conhecemos hoje por “mercado de trabalho”. Essa expressão está presente em grande parte das discussões acadêmicas, seja no campo da sociologia, seja no âmbito das relações de trabalho ou da economia, segundo Oliveira e Piccinini (2011), com destaque para a área de relações de trabalho. O número de egressos das Instituições de Ensino Superior que ofertam cursos a distância aumenta a cada ano e esses recém-formados se deparam com um mercado de trabalho cada vez mais necessitado de profissionais qualificados para atuarem no universo corporativo, visto que a competitividade entre as empresas é acirrada e a qualificação profissional passa a ser um diferencial competitivo.

O conceito de empregabilidade, conforme Alves (2007) é um dos conceitos significativos da lógica do toyotismo e que se constitui um determinante no centro das políticas de formação profissional. Esse conceito tende a tornar-se um senso comum nas ideologias de formação profissional no capitalismo global. Pode-se entender o conceito de empregabilidade a partir de outros conceitos, como por exemplo, considera-se empregável o indivíduo que possui a habilidade de ter emprego, de conseguir trabalho independente da idade e de estar ou não empregado, é ter sempre uma atividade remunerada. Dessa forma entende-se que tem empregabilidade quem possui talento de se adequar às exigências do mercado, quem sempre possui uma fonte de renda.

Para Minarelli (1995) empregabilidade é a “[...] capacidade de prestar serviço e obter trabalho”.

O desempenho de uma profissão requer que o indivíduo invista em seu desenvolvimento profissional e busque adquirir conhecimento especial, mesmo que numa preparação longa e intensiva. Essa preparação, geralmente oferecida pela formação acadêmica, tanto em cursos de graduação quanto em cursos de pós-graduação, contribui para que se desenvolvam habilidades que possibilitam alcançar um nível de profissionalismo que seja compatível com a função pretendida. O processo de globalização, conforme Rocha (2012) provoca um duplo impacto, pois, de um lado, tem-se a internacionalização do mercado de trabalho e, por outro, observa-se mudanças originadas pelos avanços das novas tecnologias, o que faz com que novas culturas, principalmente de educação continuada, sejam implantadas.

4 A EaD E O MERCADO DE TRABALHO

Melo (2009) assinala que, em função das exigências desse novo mercado globalizado, as empresas buscaram desenvolver programas com o objetivo de minimizar os impactos das ações econômicas junto a seus públicos de interesse.

Para que se possa pensar a Educação a Distância (EaD) no contexto contemporâneo, em relação à ocupação de novos postos no mercado de trabalho pelos indivíduos que buscam formação e capacitação, há necessidade que se pense de maneira mais detalhada sobre o conceito de educação, tecnologia, ensino e aprendizagem. Isso porque a EaD, nos últimos anos, entra na discussão do cenário da educação brasileira como um novo caminho/ possibilidade de educação. Pode-se pensar em novas formas de educação, mas é necessário retomar a discussão sobre o que se entende como sendo usos dessas tecnologias e quais as possibilidades para a educação, seja ela presencial ou a distância (BONILLA; ASSIS, 2005). Além disso, essas mesmas autoras complementam afirmando que, pensar novas formas de educação, implica pensar na participação dos indivíduos nos processos produtivos e na circulação de conhecimento. Sendo assim, torna-se fundamental buscar as possibilidades e potencialidades do uso dessas tecnologias, como “elementos carregados de conteúdos, como representantes de uma nova forma de pensar e sentir” (PRETTO, 2005). Uma proposta de educação a distância, articulada às novas exigências do mercado de trabalho exige, ainda, um atendimento pedagógico voltado à promoção da relação professor-aluno, por meios e estratégias institucionalmente garantidos.

Apesar do expressivo crescimento da modalidade educacional a distância no Brasil, alguns conceitos sobre este tema ainda se fazem presentes, alimentando certo preconceito a respeito da qualidade educacional de cursos ofertados em EaD. A referência ao preconceito, neste caso, não se identifica com um pré-conceito, ou seja, o conhecimento incompleto sobre determinado tema, que passa por uma transformação após o conhecimento adequado, e sim com a atitude negativa ou de negação sobre algo.

A maneira inovadora (apesar de não corresponder exatamente a algo novo, do ponto de vista temporal) do conhecimento a ser transmitido na EaD

gera este sentimento negativo, por parte de diversos setores sobre os alunos ou egressos de cursos a distância.

Algumas das vantagens proporcionadas pela estrutura na qual a educação a distância tem base, como a autonomia do aluno, a flexibilidade para se estabelecer o horário e o local de estudo e a distância física entre aluno e professor, paradoxalmente, alimentam diversos tipos de mitos, como a falta de compromisso dos alunos com a aprendizagem, a facilidade nas avaliações, o isolamento dos alunos em relação aos colegas, não interagindo com os demais, a menor dedicação dos alunos nas aulas, entre outros. As vantagens, no entanto, nem sempre são bem compreendidas e aceitas pela totalidade da população, muitas são interpretadas equivocadamente na avaliação popular ou leiga. Ainda de acordo com os autores, o preconceito em relação a EaD existe e se deve, em grande proporção, ao desconhecimento da metodologia empregada nessa modalidade de ensino.

5 A OBTENÇÃO E A ANÁLISE DOS DADOS

Para a coleta dos dados, realizou-se uma pesquisa quantitativa. Um questionário foi enviado a um total de 11.363 egressos de cursos superiores tecnológicos, distribuídos em todos os Estados da Federação, como uma amostra probabilística. Desses, 990 retornaram completa e corretamente preenchidos e serviram de base para o desenvolvimento desta obra. Procurou-se identificar se o curso superior na modalidade a distância, concluído pelos respondentes, contribuiu para a sua inserção no mercado de trabalho ou para a mudança para um emprego melhor, seja em termos salariais, seja em termos de ascensão profissional.

Observou-se que as respostas vieram de todos os Estados, com equilíbrio no gênero dos respondentes, sendo 47% do sexo feminino e 53% do sexo masculino. Verificou-se, ainda, que 83,6% dos respondentes têm faixa etária maior que 30 anos de idade.

As respostas fornecidas por 54,4% dos egressos demonstram que o curso frequentado na modalidade a distância contribuiu de forma satisfatória ou dentro do esperado para o ingresso na área de trabalho correspondente à área

de sua formação. Já para 45,6% dos respondentes o curso não contribui de forma satisfatória. Alguns fatores podem ter sido determinantes para os que responderam que o curso realizado “nada contribuiu” ou “contribuiu um pouco”. Entre estes fatores podem ser citados: (1) a falta de planejamento para a realização do curso; (2) a dificuldade de adaptação a essa modalidade, levando a um aprendizado incompleto, (3) realização com pouca motivação, além de escolha do curso inadequado, de acordo com as competências, habilidades e aptidões do aluno; (4) restrições do próprio mercado de trabalho quanto ao curso escolhido, dentro da área de residência do aluno; (4) o aluno já estava atuando na área de formação. Essas informações demonstram que o curso realizado, mesmo sendo na modalidade a distância cumpriu papel de formação de profissionais aptos a ingressar no mercado de trabalho.

Pelas respostas obtidas percebe-se que, para um percentual significativo de egressos, ou seja, 43,9% dos respondentes, a graduação no curso escolhido em “nada contribuiu” ou “pouco contribuiu” para uma efetiva melhoria de emprego, enquanto que para 56,1% o curso contribuiu de acordo com o esperado ou acima disso.

Diante destes dados, pode-se considerar a importância que o ensino em EaD tem no papel de melhorar a condição profissional dos seus egressos, e para os 43,9%, uma parte pode estar relacionada simplesmente ao fator empregabilidade, quando não se pretende mudar de emprego, mas apenas garantir o que se tem atualmente. Por meio das respostas obtidas pode-se verificar que para 40,6% dos respondentes o curso realizado em EaD não se traduziu em um efetivo aumento salarial ou ascensão de cargo dentro do mesmo emprego. Já para 59,4% dos egressos respondentes, realizar o curso traduziu-se, posteriormente, em aumento salarial ou em ascensão profissional, ou seja, nestes aspectos a realização do curso contribuiu dentro ou acima da expectativa da amostra. Isto se deve porque a dinâmica do mercado de trabalho exige a constante busca pela qualificação e pela requalificação num processo contínuo e praticamente ininterrupto. O profissional que não se adequar a essa realidade corre o risco de comprometer sua carreira, ascensão profissional ou ter negado o aumento salarial. Esses resultados mostram a eficácia do curso para o ingresso com o objetivo de garantia de empregabilidade.

Em relação ao questionamento da contribuição da graduação no curso tecnológico para mudança para um emprego melhor, embora um expressivo percentual de homens e mulheres que acreditam que o curso não contribui muito (44%), a maior parte (56%) acredita que contribui de alguma forma. Esses percentuais se mantiveram equilibrados em relação ao gênero, de uma forma geral.

6 CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho a revisão bibliográfica permitiu observar que a Educação a Distância ainda é cercada de mitos e preconceitos, sendo considerada por alguns uma educação de segunda classe, devido as suas características de uma modalidade onde o professor e o aluno não dividem o mesmo espaço físico. Assim, as consequências deste tipo de dúvida pairam no nível da aceitabilidade do profissional que obtêm sua graduação utilizando-se desta modalidade de ensino.

Durante a revisão bibliográfica ficou claro que algumas dúvidas em relação ao EaD ainda existem, tanto no que se refere à qualidade dos cursos oferecidos pelas Instituições de Ensino quanto no preparo que o egresso adquire, ao concluir seu curso. Entretanto, estas dúvidas vão aos poucos sendo esclarecidos e pode-se perceber isto na análise de alguns indicadores, como os obtidos nos resultados do ENADE.

Além do mais, o mercado de trabalho percebeu que o egresso de um curso em EaD desenvolve determinadas características muito interessantes a certas áreas de atuação. Estas características podem ser descritas como: maior poder de organização, uma maior disciplina e senso de responsabilidade, capacidade de planejamento e organização do tempo e a familiaridade com a utilização das tecnologias, especialmente na área da informação. Estes fatos levaram à pesquisa investigativa desenvolvida, cujo objetivo geral foi verificar se os cursos superiores em tecnologia oferecidos por uma determinada instituição de ensino superior, na modalidade à distância, são eficientes em preparar os seus egressos no que se refere à sua empregabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Bauru: Canal 6, 2007.

ARROIO, A.; RÉGNIER, K. **O novo mundo do trabalho**: oportunidades e desafios para o presente. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. BOLETIM TÉCNICO DO SENAC. Vol. 27, nº 2, maio/agosto 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Censo EaD.br: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2010. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

BONILLA, M. H. S.; ASSIS, A. Tecnologias e novas educações. **Revista da FAEEBA, educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 14, nº 23, jun 2005.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARMO, P. S. do. **A ideologia do trabalho**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

LESSA, S. C. F. Os reflexos da legislação de educação a distância no Brasil. **Revista Brasileira de Aprendizagem a Distância**. Volume 10. 2011.

MELO, L. F. de. **EaD e interatividade** – conceitos em evolução. Rumores – Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias, Vol. 2, N.º 3, 2009.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade**: o caminho das pedras. 21. ed. São Paulo: Gente, 1995.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NETTO, C.; GIRAFFA, L. M. M. **Preconceito ou despreparo?** Uma investigação acerca da percepção dos docentes de Pedagogia sobre formação de professores na modalidade EaD. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

OLIVEIRA, S. R. de; PICCININI, V. C. **Mercado de trabalho**: múltiplos (des)entendimentos. Rev. Adm. Pública, out. 2011, vol.45, no.5, p.1517-1538. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

PRETTO, Nelson de Luca. **Políticas públicas educacionais no mundo contemporâneo**. Março, 2005. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/revista/revista_tres/pretto.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.

ROCHA, A. A. **Engenheiro 2001 e projeto E**: a educação à distância na preparação de profissionais para um cenário competitivo. 2012. Disponível em: <<http://www.pp.ufu.br/trabalhos/37.PDF>>. Acesso em: 19 abr. 2012.